

INTERTEXTUALIDADE E PROTAGONISMO FEMININO: EXEMPLOS NA LITERATURA INFANTIL

Caroline Cassiana Silva dos SANTOS¹

Renata Junqueira de SOUZA²

Resumo:

O artigo ora proposto discorre sobre as personagens femininas de alguns textos da literatura infantil. Algumas análises do protagonismo feminino dentro da literatura infantil brasileira são feitas enfatizando a importância de considerar a historicidade da condição feminina, bem como relaciona-las a intertextualidade. Enfim, o que propomos é a análise de uma personagem tradicional infantil – a princesa – e os aspectos humorísticos e intertextuais utilizados na narrativa para configurar a personagem. Com isso, poderemos perceber também as formas utilizadas na literatura infantil contemporânea para que o leitor seja capaz de construir sua leitura crítica, sem abdicar do prazer que o texto literário pode proporcionar.

Palavras-chave: princesa, protagonismo feminino, intertextualidade, literatura infantil.

Como fenômeno essencialmente humano, a literatura pode ser tão complexa como a própria condição humana. Ao solicitar do leitor um posicionamento frente a uma dada realidade literariamente representada, a literatura provoca o diálogo e amplia o imaginário.

A literatura para crianças, por exemplo, nasce sob o signo da ascensão burguesa do século XVII, e é valorada pela definição, *a priori*, de seu destinatário. Por ter sido criada com a função de instrumento pedagógico de transmissão de valores burgueses, a literatura para crianças foi, durante muito tempo, encarada como gênero menor da literatura.

No Brasil, até o final do século XIX, os materiais de leitura para crianças eram, em sua maioria, traduzidos ou adaptados de originais estrangeiros, principalmente os portugueses. Entretanto, já se anunciavam algumas mudanças, como a preocupação crescente de intelectuais e educadores em criar uma “literatura nacional”.

A renovação na literatura infantil brasileira aconteceu, de fato, como apontam alguns pesquisadores, com a publicação das obras de Monteiro Lobato (a partir de 1921). Seus livros inauguram uma “[...] fase *literária* da produção brasileira destinada a crianças e jovens” (SANDRONI, 1998, p. 13), por possuírem uma linguagem simples, marcada pelo coloquialismo e “brasileirismos” inovadores com o objetivo de tornar agradável a leitura.

Coelho (2000) afirma que a produção literária brasileira para crianças, contemporaneamente, é significativa e plural. Ainda, o conjunto dessa literatura apresenta algumas tendências que demonstram um novo posicionamento frente ao leitor infantil consoante com as transformações do mundo em que vivemos.

Uma das tendências que mais diretamente nos interessa neste trabalho é a **reinvenção dos mitos, lendas ou narrativas maravilhosas**, que indicam “[...] a assimilação/transformação

¹ Coordenadora pedagógica (Prefeitura do Município de São Paulo); Doutoranda em Educação (FEUSP); Membro do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” (CELLIJ/UNESP). E-mail: carolcassiana@zipmail.com.br

² Vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, campus de Presidente Prudente; Docente do Departamento de Educação da FCT/UNESP; Coordenadora do Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” (CELLIJ/UNESP). E-mail: renata@fct.unesp.br

do passado pelo presente: tarefa que caberá à criança desempenhar na vida quando, por sua vez, começar a atuar no seu tempo". (COELHO, 2000, p. 216).

A redescoberta do passado por meio da reinvenção no campo literário demonstra a nova consciência do escritor de que ele é um elo da corrente desde o início dos tempos, e propõe a aventura de uma escrita que se sabe nascendo de outra escrita que lhe é anterior no tempo. É dessa atitude que surge, na literatura, "[...] a intertextualidade como processo criador, e a redescoberta de formas literárias do passado, que são recriadas pelo novo espírito dos tempos". (COELHO, 2000, p. 26).

O termo *intertextualidade* começou a ser usado pela integrante da crítica literária francesa Julia Kristeva. A autora assinalava que todo texto se constrói como um "mosaico de citações", pois absorve e transforma uma multiplicidade de outros textos. Retomando o conceito na perspectiva da Lingüística textual, Koch, Bentes e Cavalcante (2007) afirmam que a intertextualidade *stricto sensu*

[...] ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva [...] dos interlocutores. Isto é, em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação. (2007, p. 17)

Em maior ou menor grau, cada texto propõe relações dialógicas com outros textos que o precederam. Isso é possível, como aponta Mendes (1994), porque existem diferentes níveis de intertextualidade, tais como a explicitação (a epígrafe ou a citação, por exemplo); a reminiscência; a paráfrase; a paródia (cujo teor humorístico é marcante); as versões e as traduções.

Podemos concluir, então, de acordo com Walty, Fonseca e Cury (2006), que "[...] todo escritor – por mais original que seja, de forma consciente ou não, mesmo à revelia – quando escreve, se inscreve numa tradição, com a qual dialoga, mesmo que seja para desconstruí-la ou negá-la" (p. 78). Por outro lado, a identificação da intertextualidade presente nos textos que lemos depende da **extensão de leitura que se tenha**, ou seja, "[...] o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido, mais particularmente, é claro, no caso da subversão". (KOCH; BENTES; CAVALCANTE, 2007, p. 31).

As narrativas tradicionais, compilados por Perrault, os Grimm ou Andersen, foram, paulatinamente, incorporadas ao repertório da literatura infantil universal. Em diferentes épocas e lugares, estes textos são lidos ou contados para as crianças e sua permanência pode ser justificada pela natureza simbólica com que representam os eternos dilemas enfrentados pelo homem no seu amadurecimento pessoal.

Além das inúmeras reedições desta literatura, que possui grande receptividade junto ao público leitor, podemos perceber, nos últimos anos, a escrita inovadora de versões baseadas nestes textos tradicionais enfatizando a intertextualidade. Os novos textos exploram, por exemplo, o **humor** como forma de crítica à realidade. Essa apropriação e recriação de textos tradicionais, sob o viés do humor, é chamada por Coelho (2000) de **maravilhoso satírico**: "*narrativas que utilizam elementos literários do passado ou situações familiares, facilmente reconhecíveis, para denunciá-las como erradas, superadas... e transformá-las em algo ridículo. O humor é o fator básico dessa diretriz*". (2000, p. 159).

A escrita de narrativas do maravilhoso satírico representa uma das características da renovação da literatura infantil brasileira, que começou na década de 1970. Yunes e Pondé (1988) apontam, ainda, que também podemos observar

[...] uma evolução na representação da criança, oferecida aos leitores de literatura infanto-juvenil, num movimento de resistência e crítica ao autoritarismo. Duas tendências se desenharam: uma que exprime uma nova imagem de criança, mais independente e que escapa à sujeição dos adultos, muitas vezes salvando-os ou ridicularizando-os, e outra que retrata uma **equiparação sexual, em que meninos e meninas têm inteligências equivalentes e coragem para superar seus problemas**. (1988, p. 132, grifo nosso).

A produção literária para a criança é uma das formas pela qual podemos perceber como a sociedade deseja formar/socializar os pequenos leitores. Para isso, a personagem se torna a principal fonte de identificação do leitor com o universo literariamente elaborado: o modo como as personagens são configuradas dentro de uma narrativa indicam uma possível conduta desejável da criança dentro da sociedade.

Em linhas gerais, a personagem é a “[...] transfiguração de uma realidade humana (*existente no plano comum da vida ou num plano imaginário*) transposta para o plano da realidade estética (*ou literária*). [...] Nela se centra o interesse do leitor [...] é uma espécie de ampliação ou síntese de todas as possibilidades de existência permitidas ao homem ou à condição humana” (COELHO, 2000, p. 74). Dentre os tipos básicos de personagens, E. M. Forster (1927;1971) indica a existência das 1. **personagens redondas** (*round character*), que representam comportamentos ou padrões morais e são recorrentes nas narrativas exemplares; e das 2. **personagens planas** (*flat character*), de construção simples e facilmente reconhecíveis pelo leitor, pois correspondem a uma função ou estado social. São personagens estereotipadas, que não mudam em suas ações ou reações, e aparecem nos contos maravilhosos. No texto maravilhoso satírico, por exemplo, a personagem plana (reis, rainhas, princesas, fadas, bruxas) reaparece geralmente numa perspectiva crítica.

Dentre as diversas personagens planas da literatura infantil que ganharam novas caracterizações na produção literária contemporânea, na linha do maravilhoso satírico, escolhemos a figura da “princesa” para conduzir esta pesquisa. Recorrentemente, as princesas são caracterizadas

[...] pelos atributos femininos que marcam a passividade e a sua função social como objeto do prazer e da organização familiar. Belas, virtuosas, honestas e piedosas, elas merecerão como prêmio o seu príncipe encantado (Bela Adormecida, Gata Borralheira). Ai daquelas que desobedecerem ao modelo clássico de virtude. Serão condenadas para sempre. [...] Mas há exemplos, também, de princesas pérfidas, vingativas e más que visam matar, mutilar ou despojar seu pretendente. Ela será guerreira, hábil no arco-e-flecha e na montaria, competindo com o pretendente em igualdade de condições. A do primeiro tipo é salva pelo príncipe [...] e a do segundo deve ser conquistada pelo príncipe, geralmente, à força. Ela faz o gênero ‘megera domada’. (KHÉDE, 1986, p. 22-3).

Em linhas gerais, o protagonismo feminino na literatura para crianças é algo pouco discutido. Colomer (1999) aponta, em pesquisa realizada com base nos livros infantis publicados na Espanha, uma tendência de distinção marcante entre as personagens masculinas e femininas retratadas na literatura infantil. Mesmo com os avanços significativos advindos da presença das mulheres na sociedade contemporânea, elas ainda são representadas por personagens cuja função nas narrativas se limita aos afazeres domésticos ou à manutenção do bem-estar familiar. Elas são

marginalizadas, pois, das temáticas predominantes e já sem constituir a figura adulta de referência dos pequenos protagonistas, o papel da mulher termina por derivar de sua relação com o marido. [...] E nas narrativas que seguem o modelo do conto popular, continuam oferecendo-se basicamente como prêmio ao herói [...]. (COLOMER, 1999, p. 52).

Para Colomer, esse fato é preocupante na medida em que considera o tipo de identificação que as meninas podem construir com a leitura de livros desta natureza:

[...] O que as meninas leitoras podem esperar das meninas-personagens é seu predomínio nos livros de natureza intimista, um papel secundário no restante, em comparação com o protagonismo masculino, a falta de definição de suas características próprias ou sua simples desapareção narrativa. (1999, p. 55).

Por outro lado, a inversão dos estereótipos só é possível com base no conhecimento literário prévio do leitor (por exemplo, uma princesa ativa e inteligente só se sustenta literariamente por ser o oposto de uma forma de referência consagrada: a da filha e prometida dos autênticos protagonistas).

Assim, os autores que propõem uma literatura infantil não-sexista enfrentam um duplo dilema:

[...] se a conduta não-sexista se apresenta como natural, a experiência de vida do leitor a detecta como estranha e se diminui a verossimilhança narrativa; enquanto que se, ao contrário, se destacam as tensões existentes na realidade se corre o grave perigo de converter a obra em um panfleto estridente. Assim, na literatura, como na vida, a vantagem parece corresponder sempre à ideologia passiva, e a vontade de colaborar com a mudança ideológica requer uma ponderação e uma sutileza literária notáveis. (COLOMER, 1999, p. 59).

Ao analisar o protagonismo feminino dentro da literatura infantil brasileira, Lajolo (1989) enfatiza a importância de considerar a historicidade da condição feminina, apontando a *“docilidade com que a literatura infantil espelha e reforça as sucessivas imagens de mulher endossadas em diferentes momentos da sociedade brasileira”*. (p. 19)

Privilegiando a produção literária infantil editada no Brasil (incluindo as traduções de outros idiomas), entre os anos de 1970-2007, selecionamos e analisamos algumas obras inscritas no universo maravilhoso satírico protagonizadas pela personagem “princesa”, classificando as formas como esta personagem é caracterizada na narrativa. Nosso objetivo é, assim, perceber como um modelo contemporâneo de representação do feminino (o da princesa nos textos para crianças) se aproxima ou se distancia do seu modelo consagrado (tradicionalmente, uma figura valorizada pela beleza e pela bondade, que participa de uma efabulação, cujo fim último é o de promover o “final feliz” assegurado pelo casamento).

Além disso, sugerimos a análise das relações existentes entre os elementos da narratividade (espaço, tempo, narrador, personagens secundários, etc.), verificando como eles se articulam nestas narrativas criando uma escrita intertextual que dialoga com os textos tradicionais da literatura infantil, propondo modelos renovados de crítica da sociedade em que estão inseridos.

Em síntese, o que propomos é a análise de uma personagem tradicional infantil – a princesa – e os aspectos humorísticos e intertextuais utilizados na narrativa para configurar a personagem. Com isso, poderemos perceber também as formas utilizadas na literatura infantil

contemporânea para que o leitor seja capaz de construir sua leitura crítica, sem abdicar do prazer que o texto literário pode proporcionar.

Referências bibliográficas

- COELHO, N. N. (2000). **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna.
- COLOMER, T. (1999). **Introducción a la literatura infantil y juvenil**. Madrid: Síntesis.
- FORSTER, E. M. (1927). **Aspects of the novel**. Harmondsworth: Pelican, 1971.
- KHÉDE, S. S. (1986). **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática.
- KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. (2007). **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez.
- LAJOLO, M. (1989). A voz infantil *da e na* literatura infantil. In: COELHO, N. N. **Feminino singular: a participação da literatura brasileira contemporânea**. São Paulo: GRD.
- MENDES, N. M. (1994). Intertextualidade: noções básicas. In: PAULINO, G.; WALTY, I. (Orgs.). **Literatura na escola** (pp. 29-35). Belo Horizonte: Lê.
- SANDRONI, L. (1998). De Lobato à década de 1970. In: D'ANGELO SERRA, E. (Org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras** (pp. 11-26). Campinas: Mercado Aberto/ALB.
- WALTY, I. L. C.; FONSECA, M. N. S.; CURY, M. Z. F. (2006). **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.
- YUNES, E.; PONDÉ, G. (1988). **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD.